

VIMARANENSE

Semanário político, literário e noticioso, órgão do Partido Evolucionista

Director, proprietário e editor — Custódio dos Santos Lima Guimarães

PREÇO DA ASSINATURA

Ano, sem estampilha	1200
Semestre, idem	600
Ano, com estampilha	1250
Semestre, idem	625
Alema e Brasil, por ano (moeda forte)	2025
Número avulso	50

Redacção, Administração, composição e impressão
Rua Elias Garcia, 24 (antiga rua de Santa Maria)

PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	500
Repetição dos mesmos	300
Anúncios permanentes, contracto especial	
As obras literarias annunciam-se gratis, recebendo-se na redacção um exemplar.	
Os autógrafos, sejam ou não publicados, não se restituem.	

LIÇÃO DE HISTÓRIA

Estamos em 1848. E' na França. As lutas entre os Republicanos tinham dividido e enfraquecido os defensores da segunda República. Luís Bonaparte, *Napoléon le Petit*, (como ficou na História pela denominação justíssima de Vítor Hugo) que de há muito alimentava o sonho imperialista de colocar sobre a sua cabeça a corôa de Napoleão e se julgava nascido sob a protecção da estrela que guiara, através da Europa, as legiões napoleônicas—há longo tempo, da terra do exílio e nos seus delírios megalomaniacos, gritava aos amigos ausentes «que tinha uma alta ambição».

Fizera-se eleger deputado republicano. Em vão na França algumas vozes se ergueram para negar-lhe os direitos políticos de cidadão francês. Pedia-se o cumprimento da lei, que banira os Bonapartes. Lamartine foi uma dessas vozes. Ninguém as ouviu. Que perigo poderia ameaçar a República que não viesse dos demagogos?

Demais Luís Bonaparte era firmemente e sinceramente um Republicano. Nunca perdia o ensejo de afirmá-lo. Declarava-o bem alto. Punha sempre acima de tudo a sua fé na República e na França Republicana. Era o candidato das forças conservadoras, dos católicos, da grande legião que a demagogia irritara e ferira. Era o homem capaz de, em torno de si, conciliar todos os franceses desavindos e separados.

Desesperadamente ele escrevia ao general Piat: *Venho pressa de me assentar entre os representantes do Povo que querem uma República sobre bases largas e sólidas.*

A República democrática—calorosamente o repetia em todas as circunstâncias—era o objecto do seu culto.

A Câmara revogava a lei que o banira e Luís Bonaparte sentava-se finalmente entre os representantes do Povo.

A 10 de Dezembro vai fazer-se a eleição directa para a Presidência da República. O espirito republicano está cada vez mais oprimido. Sente-se que um grande perigo ameaça a República. Não tem forma, não se concretiza bem. Talvez seja uma ilusão dos que muito a amam. E' uma sombra, qualquer coisa impalpável e vaga, indefinida e misteriosa, incorpórea e fluidica que paira como uma nuvem no céu claro da França.

Talvez nada...

Longe de Paris Luís Bonaparte, para quem todos os meios são legítimos desde que atinja os seus fins, manobra, conspira, alicia. A benevolência da República é grande... E é essa benevolência tão grande que dir-se-ia cumplicidade que dá a Bonaparte o concurso eficaz de todos os que o regime descontentára ou ferira, de todos os despeitos, de todas as ambições, de todos os ódios desde longa data acumulados.

Bonaparte tem os seus fieis para quem é encarna a salvação, para quem é representa a vontade popular, para quem é o Messias. Nas malhas da sua rede de influências, que dia a dia mais se alargam, estão milhões de franceses, estão os que vêem nele o instrumento de seus rancôres e de seus interesses, estão os oportunistas de todas as eras, estão os que de longa data esperam a *révanche*; mas (diga-se a verdade) estão também os bons e os puros, os que sinceramente e ingenuamente supõem que aquêl homem (de grande nome legendário e de tão apregoadó amor à democracia) é capaz de dar à França imortal, sob a égide da República, horas melhores, mais suaves e mais fecundas. Até os socialistas votam nele em massa.

Para a eleição presidencial, ao lado do honesto e firme republicano, que é o general Cavaignac, surge o nome de Luís Bonaparte. Ainda uma voz se ergueu na Câmara impugnando a candidatura do antigo exilado. Era a França republicana, ferida de morte, falando já debilmente como os moribundos, por essa voz. Era um rebate. Ninguém o ouviu. Ninguém o atendeu. Pois que mal poderia vir à República que não fôsse da demagogia?

Faz-se a eleição e dá isto: Luís Bonaparte 5.434:226 votos. Cavaignac está derrotado. O Príncipe-Presidente, como depois lhe chamam, vence por muitos milhões a Cavaignac, a Ledru-Rolin, a Raspail, a Lamartine.

Dias depois, ante a Câmara comovida, o sobrinho de Napoleão jura, segundo a fórmula, *na presença de Deus e do povo francês ser fiel à República democrática e defender a Constituição* e nos seus discursos enfáticos afirma sempre com energia que considera inimigos da Pátria todos os que atentarem contra as instituições políticas que a França escolheu.

E assim começa a sua agitada presidência em que só parece estar dominado por um pensamento,

Partido Evolucionista

Tem alguns jornais do Partido advogado a necessidade de se reunir o nosso Congresso Partidário e é essa a opinião da grande maioria dos nossos correligionários. O Partido democrático fez, no devido tempo, o seu Congresso. Não há muito que o realizou a União Republicana. Quanto ao Partido Evolucionista reconheceu-se, na assembleia de Janeiro, que essa necessidade era um facto. Tanto que para abril (que já passou) se chegou a anunciar a sua convocação.

Há muito que não se reúne em Congresso o Partido Evolucionista e isso é um mal.

Precisamos de conhecer-nos, de saber com quem contamos, de dar sinais de vida, de nos ligarmos cada vez mais pelos laços duma firme e estreita solidariedade. Esta apatia não pode continuar, sob pena de vermos desertar ou esmorecer os que com esta inacção se não conformam.

O sr. dr. António José de Almeida não perdeu uma parcela da confiança que todos nele depositamos; mas s. ex.^a não pode multiplicar-se e fazer tudo sózinho.

Reúna-se o Congresso, não para tratar de assuntos mesquinhos de regedoria, mas para debater pontos capitais que interessam ao Partido e interessam à República.

UM CASO

Tem sido muito comentada uma busca não sabemos por que autoridade feita na residencia dumas senhoras estimáveis, estimadas e inofensivas, da qual resultou, não a pilhagem de bombas ou panhais e outras coisas sinistras com que se contava, mas o sequestro de vária papelada, com que se tem feito, nos centros de cavaco, muito escarceo.

Por muito reduzidas que estejam as garantias e regalias do cidadão, nunca imaginámos que pudessemos chegar a isto—de ver remexidos pelas manípulas policiaes os escaquinhos das nossas secretárias e trazidos para o comento e irrisão da praça pública papeis, uns de fóro íntimo, outros de assunto completamente extranho aos intuitos da diligência administrativa.

A que regime de *soalheiro* a parolice audaciosa nos expô!

Será para congraçar e pacificar a família portuguesa?

A ditadura constitucional e a abstenção eleitoral

(Conferência do sr. dr. Mesquita Carvalho no Centro Republicano Evolucionista de Lisboa)

(Continuação)

O que é o presidencialismo

Com excepção dos profissionais da sciência do direito, em Portugal, há quatro mezes, muito pouca gente teria ouvido falar do presidencialismo, e ainda hoje a grande maioria não terá a ideia clara do que seja esse sistema político. Nem admira, porque em tese é difícil defini-lo, precisá-lo, determinar-lhe as características. E' um regime mais conhecido pela prática do que pela teoria, mais de facto do que de doutrina. E' a forma orgânica constitucional dos povos americanos, sob a influencia inicial dos Estados Unidos. Com effeito, se a monarchia constitucional é originária da Gran-Bretanha, a democracia representativa é originária da sua grandiosa colónia da América do Norte; são duas criações harmónicas com o caracter e a psicologia da raça anglo-saxonia. A segunda não passou, porém, de uma adaptação da primeira ás condições especiaes em que se encontrava a Inglaterra no continente americano na época de adquirir a sua independência. Cada um dos grupos de colónias, que a formavam, o do Norte, o do Centro e o do Sul, tinha há muito um sistema representativo próprio, de modo que, quando a separação se deu em 1776, formavam verdadeiras republicas. A *Constituição da União*, em 1787, nada mais foi do que a applicação inevitável e única possível de principios compatíveis com a sua poderosa federação.

Tal é, substancialmente, a origem do presidencialismo.

Eu não posso nem devo determe em larga divagação académica na exposição e critica dos sistemas parlamentar e presidencial, confrontando-os e julgando-os. Nem é necessário: do parlamentarismo tendes vos noção e conhecimento suficientes, bastando portanto que, em conciso resumo, vos diga do segundo o indispensável para vos habilitar a formar juizo acérrico do que éle seja na essencia e na applicação.

No presidencialismo a supremacia de toda a organização social e de toda a vida politica, interna e externa, do país concentra-se e confere-se a um só homem; éle é o supremo depositário da soberania nacional e o árbitro dos interesses, das liberdades, das relações diplomaticas e dos destinos de um povo. Eleito pelo sufrágio em primeiro ou segundo grau, é sempre o eleito do povo, que o investe directamente num poder pessoal, independente dos outros poderes do Estado e por cujo exercicio só responde perante o corpo eleitoral, que lho confiou; o que equivale a dizer que não há prescriçáo legal nem meio juridico capazes de lhe tornar efectiva a responsabilidade. Usufrutuário sem caução nem limite do Poder Executivo, os mi-

nistros, que livremente escolhe e exonera, não são mais que secretários, seus auxiliares e serventários; toda a autoridade e força pública, civil ou militar, estão sob a sua alçada e direcção immediata; e é por meio de mensagens escritas e directas que se põe em contacto e relação com o Poder Legislativo, cujas deliberações tem a faculdade de não promulgar, usando do *veto suspensivo*. Autentico chefe do Estado, não é como mero simbolo que representa o Estado; pelo contrario, personifica-o e identifica-se com éle, é a expressão máxima e viva da soberania, do poder, da força e do mando.

Se nelhante instituição politica, que cria uma magistratura revestida de tais prerrogativas, impressões profundamente os nossos sentimentos democraticos, briga com as nossas aspirações de liberdade, afronta e vexa as nossas ideias, principios e regalias de civismo e soberania; affigura-se a contradição flagrante com a própria essencia de todo o governo republicano, fazendo reviver perante a nossa razão aturdida o negro absolutismo de outras eras, que ao menos procurava estribar-se na intangibilidade da sua origem divina e que para sempre desapareceu na rajada emancipadora que a grande Revolução Francesa de 1789 auroou por sobre o mundo civilizado.

E' que uma forma assim centralizadora, absorvente e personalista de governo, se pode existir e praticar-se sem risco grave de prepotencia em vastas regiões do territorio, sob o regime federativo de estados quasi autonomos, em povos novos, exuberantes de vigor e insubmissos na altivez da sua integridade, sem a nefasta herança de servilismo politico e de atrofia religiosa, seculares e mórbidos, na velha Europa e sobretudo nos países neo-latinos, teatro das mais sangrentas lutas intestinas, dominados ainda pela influencia delictéria das monarchias tradicionais, habituados á opressão da terra, da vida e da personalidade pela tirania aristocrática que nos legou o feudalismo, corrompidos por repetidas e violentas pugnas dos partidos politicos, tão impressionáveis ao prestigio da magestade, tão fáceis de se submeterem ao pulso forte de um homem de génio ou ao jugo degradante de um aventureiro audaz.—essa forma de governo conduz de pronto e inevitavelmente ao abuso, á traição, ao imperialismo, ao despotismo, transformando em Cezar omnipotente aquêl a quem o povo, num momento de loucura, de torpôr, ou de embriaguez, arvorou em depositário das suas regalias, dos seus direitos, das suas liberdades.

(Continua)

Correio das salas

Tem estado enfermo o nosso illustre amigo sr. Manuel de Freitas Aguiar, muito digno secretario da administração deste concelho. A s. ex.^a, que se encontra, felizmente, melhor, desejamos pronto restabelecimento.

Vimos nesta cidade, de visita a seu venerando pai, o sr. Visconde do Paço de Nespereira (João).

Encontra-se em vias de restabelecimento da enfermidade que o acometeu o nosso distinto conterrâneo sr. Domingos Ribeiro Martins da Costa (Alvão).

Chegou ao Porto o sr. dr. Alfredo Lopes de Matos Chaves, distinto advogado em Coimbra e nosso illustre conterrâneo.

Vimos em Guimarães o nosso amigo e patrio sr. Manuel Augusto Saraiva Brandão, digno secretario da administração do concelho de Celorico de Basto.

Num quarto particular do hospital da Ordem de S. Domingos, encontra-se doente o sr. Eduardo Rodrigues, caixeiro-viaante da casa Pereira & Bacelar, do Porto, e cunhado do sr. Joaquim Eugénio, habil armador desta cidade.

Foi aos Arcos de Val-de-Vez o nosso estimado amigo sr. Simão Pinheiro Ribeiro Guimarães.

Esta enfermo com uma pneumonia o sr. dr. conego Manuel Moreira Júnior, illustrado professor do Liceu. Desejamos o seu restabelecimento.

Esteve ante-ontem no Porto o sr. José Francisco Carneiro, acreditado commerciante.

Avenças

Todos os contribuintes que pretendam ficar avençados para o 3.º trimestre do corrente ano, tem de assinar as suas propostas na repartição dos Impostos Municipais, desde o dia 1 a 10 do próximo mês de Junho. Findo este prazo ficam a manifesto, em harmonia com o Regulamento dos Impostos.

Todas as avenças assinadas tem de ser pagas até ao dia 15 de Julho. Findo este prazo, são multadas na forma da lei.

Tuna da Juventude Católica

Não tendo podido levar a efeito, no dia 12 do corrente, o anunciado passeio á formosa estancia da Penha, aquella brilhante corporação resolveu adiá-lo para o próximo domingo, 26.

Manten-se-há o programa publicado no nosso penúltimo número.

AVA ANTIGA GUARDASOLARIA CARVALHO

Executam-se todos os concertos

Ao Guardasol Elegante!
154, R. Republica, 160 - Guimarães

A IMPRENSA

Reuniram agora em Lisboa os directores de vários jornais para reclamarem contra abusos da Censura.

Ha muito que esses abusos se praticam e repetem, mas só agora a imprensa acordou para reclamar nos termos brandos do formulário.

Nós já dissemos aqui, e por mais do que uma vez, a nossa opinião sobre a conducta da imprensa, que tem sido desde há muito verdadeiramente deploravel.

Faltam os jornalistas, sobram os jornaleros. E desde que se confia a jornaleros, interessados apenas no percebimento da fêria, a defesa da liberdade de imprensa, é de vêr que tal liberdade está conlênada nos tratos de polé de qualquer sujeito que, por efeitos dum bumburro, se alcançore nos postos da governança.

Falta a fé, a fé alta nos princípios, a fé desinteressada num ideal, e o que hoje correntemente se faz, na imprensa, é a politica baixa de seita, a politica grosseira de interesses exclusivistas.

Trabalha-se á raso ou trabalha-se por empreitada, para viver, para ganhar, para subir.

Mais nada. Por isso não há o amor da profissão, a solidariedade de classe, o interesse superior duma causa nobre, a todos juntando no mesmo impulso de defesa.

Cada um governa-se, consoante o velho dito. E a prudência, a conveniência, a covardia é que regulam as atitudes, como os interesses é que guiam as penas.

Ainda há pouco tempo, em Lisboa, a redacção dum jornal foi invadida por um bando armado, que fez intimações, que revolveu papeis, que prendeu jornalistas, que cuspiu ameaças.

O acto foi tão abusivo e revoltante que o governo repudiou logo toda a responsabilidade e prometeu investigar e punir os discolos.

E' claro que não apurou nada, não puniu ninguém, mas é certo que, perante o facto extraordinario, a imprensa se limitou a dizer, timidamente, umas palavras anónimas, com o compungimento artificial de quem entrega um cartão de pesames.

E mais nada. Podia succeder lhe com o vizinho, e quando as barbas deste ardem, é da sabedoria das nações que as nossas se devem pôr de molho...

Orn, pois, a imprensa protestou. Bem se importa o governo, que já lhe tomou o pulso e sabe que ella não sacrifica ao êxito dum protesto digno os dezreizinhos da fêria...

Processo eleitoral

O Supremo Tribunal de Justiça mandou archivar o processo por motivos eleitorais da assembleia de Nespereira, deste concelho, processo que ali se encontrava pendente em recurso.

Ao público

João Vasco Cardoso Guimarães, proprietário da Mercaria de Tréz de S. Paio e agente, nesta cidade, da casa Mota Marques, de Lisboa, aceita encomendas de carimbos, facturas, cartões de visita, sinêtes, notas de expedição, folhas de salário, etc.

Também se encarrega de adquirir quaisquer espécies de máquinas para todas as indústrias, como sejam de bulhadoras, charruas, arados, moitubos, motores, bombas, etc.

Vende todas as espécies de sementes, quer nacionais, quer estrangeiras.

Modicidade de preços e rapidez na execução.
Agente da Companhia de Seguros «Atlântico».

Reclamações operárias

Em concilio público, levado a effeito no dia 1 do corrente, a Federação das Associações Operárias de Guimarães fez aprovar as seguintes reclamações, que remeteu á Presidência da República:

1.º - Que se já promulgado um decreto para que, enquanto não voltarem á normalidade os preços dos géneros de primeira necessidade, os proprietários, patrões e industriaes augmentem 50 % os salários dos seus empregados, operários ou trabalhadores.

2.º - Revisão da pauta aduaneira na parte em que se refere aos direitos de entrada de géneros alimentícios.

3.º - Abolição do imposto de consumo.

4.º - Criação de armazens municipais de viveres.

5.º - Construção de casas baratas para as classes proletárias, por conta e administração directa dos municípios.

6.º - Inclusão no côllego administrativo das necessárias disposições que dêem ás Câmaras Municipais e Juntas de paróquia atribuições tendentes a evitar o açambarcamento dos géneros de primeira necessidade.

7.º - Que sejam dadas ás autoridades administrativas do país ordens rigorosas para que façam cumprir immediatamente as leis que estabel cem e regulam o horário de trabalho para todas as indústrias, accidentes de trabalho, bolsas de trabalho e tribunais de árbitros avindores.

8.º - Que sejam estabelecidos preços mínimos a todos os cereais, não podendo ser alterados até novas colheitas.

VENDE-SE

Uma morada de casas de um andar com águas furtadas e quintal, situada em frente do Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

Nesta redacção se diz com quem se trate.

NECROLOGIA

Faleceu ante-ontem de madrugada, na sua residência da Praça de D. Afonso Henriques, o sr. Manuel António de Almeida, proprietário.

Contava 71 anos, e foi vítima dum ataque de uremia.

O seu funeral effectuou-se ontem de manhã, na Basílica de S. Pedro, com a assistencia de algumas irmandades, da Officina de S. José e duma deputação de alunos do Internato Municipal.

A chave do féretro foi entregue ao sr. Abel Cardoso.

Aos irmãos do extinto, srs. dr. Jerónimo de Almeida e João António de Almeida, e a seus sobrinhos srs. drs. Eduardo de Almeida, dr. João de Almeida, Fernando de Almeida e Jerónimo de Almeida, enviamos sentidos pezames.

Finou-se no Porto, com pouco mais de 25 anos, o nosso conterrâneo sr. Ernesto Ribeiro de Sousa Agra, empregado commercial, irmão do nosso amigo rev. Humberto Agra, digno coadjutor da freguezia de Cedofeita, naquela cidade, e sobrinho da ex.^{ma} esposa do respeitável commerciante vimaranense, sr. Cândido José de Carvalho.

Os mais vivos sentimentos á es-

timada família do infortunado manco, cuja morte deploramos.

Faleceu em Lisboa o sr. Júlio Leite Lage, irmão do nosso presado amigo sr. Florencio Leite Lage, do sr. dr. José Júlio Leite Lage, distinto médico na capital e das ex.^{mas} esposas dos srs. Bernardino Jordão e António de Araujo Salgado.

A' respeitável familia enlutada enviamos sinceras condolências.

Recebemos a triste nova de ter morrido em França, nos sangrentos combates de Abril findo, o sr. Henrique de Assunção, 2.º sargento de infantaria 20, e filho do sr. Francisco de Assunção, estabelecido com alfaiataria na Praça de D. Afonso Henriques.

Lastimando o fim trágico, embora glorioso, do heroico servidor da

Pátria, acompanhamos seu pai na dôr que o punge.

Finou-se no Porto o sr. José Sérvulo Badoni do Couto, major do quadro de reserva.

O extinto pertenceu, durante alguns anos, ao regimento de infantaria 20, tendo adquirido, pela inteireza do seu caracter, vivas sympathias entre nós.

A seus filhos, bem como á demais familia dorida, enviamos sentimentos.

No hospital da V. O. T. Dominica, succumbiu o sr. José Pereira de Abreu, proprietário na freguezia de Ronfe e antigo assuante deste semanário.

Que descanse em paz o honrado ancião.

COMPANHIA CONFIANÇA PORTUENSE

Sociedade Anonima de Seguros Responsabilidade Limitada

Capital social...	Emitido.....	810.000\$00
	Por emitir.....	190.000\$00
	Escudos.....	1.000.000\$00

Séde: 20, rua Mousinho da Silveira, 22 — PORTO

Correspondentes nas principaes terras do pais

Seguros contra fogo, raio, tumultos, grèves, roubos e guerra.
Seguros maritimos, fluviais, agricolas e postais.

SEGUROS CONTRA MORTE E ACCIDENTES DE ANIMAIS, A TAXAS REDUZIDAS

Sinistros pagos por esta Companhia:

Escudos 1.235.330\$98,2

Agente em Santa Marinha da Costa:

SIMÃO PINHEIRO

RUA EGAS MONIZ, 32 — GUIMARAES.

“ATLANTICA,,

Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social...	Esc. 500.000\$00
» realizado.	» 50.000\$00
Fundo de reserva	» 150.000\$00

SÉDE: LOYOS, 52 — PORTO

Recetta de 1914	Esc.	36.988.803,5
» 1915	»	21.103.829,5
» 1916	»	537.897.891,3
» 1917	»	3.139.401.923

Sinistros pagos em 1914	E.	22.661.641
» 1915	»	25.903.315
» 1916	»	153.470.890,5
» 1917	»	1.427.035.674

AGENCIAS EM FRANÇA, INGL&TERRA, NORUEGA, SUECIA, DINAMARCA, ESPANHA E EGITO

Seguros contra fogo. — Seguros contra fogo e raio. — Seguros contra grèves e tumultos. — Seguros agricolas.
Seguros contra quebra de cristais. — Seguros de guerra.
Seguros maritimos e postais. — Seguros contra inundações e enxurradas.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourão
Jaime de Sousa

Directores

Agentes em todas as terras do pais

Commissarios de avarias em todos os portos do mundo

DELEGAÇÃO EM GUIMARÃES

Passeio da Independencia, 102 a 105